

2.º Ano Mestrado em Sociologia
Especialização em Estruturas e Dinâmicas Sociais

As (Des)harmonias da Cidade num Caleidoscópio de (In)visibilidades

A influência transformadora da música na vida das pessoas em situação de sem-abrigo, na cidade do Porto

Bruna Filipa Oliveira Pinto

M

2023/2024



Bruna Filipa Oliveira Pinto

As (Des)harmonias da Cidade num Caleidoscópio de (In)visibilidades

A influência transformadora da música na vida das pessoas em situação de sem-abrigo, na cidade do Porto

Dissertação de Mestrado realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023/2024

Bruna Filipa Oliveira Pinto

As (Des)harmonias da Cidade num Caleidoscópio de (In)visibilidades

A influência transformadora da música na vida das pessoas em situação de sem-abrigo, na cidade do Porto

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra

Membros do Júri

(Este ponto será editado pelo Serviço de Gestão Académica após a defesa da tese, inserindo a informação em falta).

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

ANEXOS

Anexo I: Declaração de consentimento informado

Eu,

declaro que irei participar de total e livre vontade no presente estudo que culminará na dissertação de mestrado denominada **“As (Des)harmonias da Cidade num Caleidoscópio de (In)visibilidades”**, realizada com vista à obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Dou conta de que, num momento prévio, fui devidamente informado(a) sobre todas as condições, objetivos do estudo, métodos de recolha de dados e sobre os procedimentos que serão efetuados, das quais a prévia gravação da entrevista, a sua posterior arquivagem e final destruição.

Procedo, assim, para a afirmação de que tive oportunidade de colocar todas as questões que pudessem existir e tenho a consciência sobre todas as fases do projeto e em como a minha participação será apenas relevante em termos de apresentação académica, não implicando quaisquer consequências para a minha pessoa. Além de tudo isto, foi-me dada a oportunidade de salvaguarda da informação que facultei, tendo-me sido reservado o direito de abandonar a entrevista a qualquer altura.

Tendo tudo isto em conta, autorizo (ou não), a gravação da entrevista, bem como a utilização dos dados recolhidos durante a mesma.

_____, ____ de ju_ho de 2024.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura da investigadora:

Anexo II: Concretização das entrevistas

Anexo II A: Introdução e enquadramento da entrevista aos entrevistados

Introdução da pesquisa ao entrevistado:

Nesta dissertação, pretendo dar a conhecer a sua história de vida como forma de perceber se a música tem uma influência positiva nas vidas das pessoas que se encontram em situações precárias, no caso, em situação de sem-abrigo.

A esta história pretendo associar a banda sonora da sua vida, isto é, uma banda sonora que seja capaz de reconstruir e representar o seu percurso até este momento¹. Vamos, em conjunto, construir a sua história com recurso à música, culminando numa “história de vida sonora/musical”. Para isto, iremos traçar o seu trajeto com recurso à focalização dos marcos mais relevantes da sua vida. Para auxiliar a dinamização deste projeto, iremos associar as músicas que, para si, são representativas destes, de acordo com as suas memórias e sentimentos.

Anexo II B: Guião das entrevistas: História de vida + banda sonora

Início da entrevista:

1 – E: Poderia começar por descrever-me a sua infância, adolescência e a entrada na vida adulta? Seria capaz de falar-me, por exemplo, da sua relação com os seus familiares (desde os seus pais aos seus filhos, se os teve) e amigos? Sente que a música o acompanhou em cada uma destas fases? Se sim, consegue dizer-me quais são as músicas que associa a estes momentos e quais os motivos de as ter escolhido, descrevendo os sentimentos que lhe estão associados?

¹ Perspetivamos o entrevistado enquanto ser único e individual, pertencente a uma sociedade tendencialmente excludente das pessoas que se encontram na sua condição social. Sublinhamos a presença do paradoxo entre a pertença a uma sociedade e a simultânea exclusão por parte desta, forçada pelo desajustamento destes individuais perante os padrões da “normalidade” imposta e incorporada pelas suas partes constituintes.

2 – E: Perspetiva-se que as pessoas que vivem em situação de sem-abrigo se sintam num estado de solidão devido ao desajustamento relativo às normas sociais que a sociedade tem implementadas. Como caracteriza a condição social que vive neste momento? Tendo em conta a “normalidade” da sociedade que o rodeia, sente-se incluído nela?

3 – E: Perspetivando a sua trajetória de vida desde o momento em que a sua realidade passada se viu alterada até ao momento em que nos encontramos a falar, considera que a música ocupa uma parte importante no seu dia-a-dia? Conte-me que meios que utiliza para aceder à música – independentemente do formato – e quais as músicas que o acompanharam desde então, referindo, os momentos mais marcantes em que estas estiveram presentes.

4 – E: Qual é a sua música favorita² de sempre? Conte-me sobre o porquê de a ter escolhido e quais as memórias que lhe estão associadas, assim como os sentimentos a ela atribuídos.

5 – E: Por último, poderia terminar o seu relato, dizendo-me a sua idade, género, naturalidade, estado civil, grau de escolaridade e condição profissional anterior?

² A construção desta pergunta e subsequente inclusão no guião de entrevista assenta na justificação de Campos (et al. 2015; p.4) que diz que “quando escutamos uma música favorita, há uma ativação funcional do hipocampo, separadamente do córtex auditivo. [...] Neste caso, a música favorita faz o cérebro recuperar, ao invés de codificar, o conteúdo que tem um peso emocional e memórias episódicas”. Isto faz com que, através desta pergunta, o indivíduo remeta automaticamente para uma ou mais memórias significativas na sua vida (tornando assim a sua resposta como uma mais-valia no sentido de perceção da sua representação e/ou reconstrução identitária).

Anexo III: *Diário de campo*

Num processo que fora inicialmente pensado para ter a duração de 15 dias consecutivos com idas regulares ao centro da cidade para se estabelecer as dinâmicas de relação com os indivíduos de interesse e consequentes entrevistas, este viu-se concretizado num período real não contínuo de 17 dias (adicionando dois dias extra iniciais de tentativas).

Encontramos, portanto, neste anexo, os *inputs* reais registados em diário de campo pela investigadora, assim como excertos das notas verbais gravadas de si, para registo e lembrança dos acontecimentos.

Junho:

5 de junho de 2024 – 16h35

Procurei por indivíduos que pudessem ser alvo de interesse para a minha investigação na Rua de Santa Catarina, no entanto, apesar da rua se encontrar movimentada, não encontro ninguém em situação de sem-abrigo (ao contrário do que denoto muitas vezes ao passear por esta zona). Vou ficar aqui por mais uns minutos. Depois vou até à zona da Batalha, costuma ter pessoas lá.

Minutos depois de ter esperado, fui até à Batalha e, para minha surpresa, não encontrei ninguém. Amanhã volto, pode ser que tenha mais sorte.

6 de junho de 2024 – 17h

Voltei à mesma zona onde ontem procurei, verificando um homem a andar com os seus animais de companhia. Abordei-o brevemente para rondar o interesse que poderia ter em participar na pesquisa, tendo este respondido que preferia não o fazer porque não estava a ter um dia bom, que ainda não tinha comido. Decidi deixar o senhor na sua vida, porque não poderia obrigar ninguém a participar, teria de ser algo feito de livre vontade.

Minutos depois e mais à frente na rua, após uma observação mais atenta do ambiente que me envolvia, encontrei um senhor sentado na porta de um estabelecimento de roupa. Decido aproximar-me e iniciar conversa, indo de encontro à

explicação do estudo que pretendia desenvolver. Apesar deste indivíduo me receber bem e termos ficado, durante um par de horas a conversar sobre o tema sentados no chão à porta do referido estabelecimento, este no final decidiu comunicar-me que não se encontrava com a melhor disposição para conversas sobre a temática, aconselhando-me a procurá-lo noutro dia qualquer do mês, pois encontrar-se-ia naquela zona e provavelmente se encontraria com melhor disposição para conversas. O certo é que, voltei a tentar procurá-lo dias mais tarde e nunca mais vi este senhor, não sei o que lhe possa ter acontecido.

28 de junho de 2024 – 18h16h

Encontrei um senhor que se encontrava a pintar quadros no chão, com vistas diversas baseadas em postais que serviam como inspiração. Fiquei a observá-lo por sensivelmente 1 hora inteira, não só a ele como às dinâmicas sociais que se estabeleciam em torno de si. A paragem das pessoas para observar, o colocar de esmola dentro do recipiente, mas foram muito poucas as pessoas que efetivamente pararam para falar diretamente com este senhor.

A certa altura, começou a chover, ao que me dirigi prontamente para o ajudar a recolher os seus materiais. Ambos, sob chuva moderada, arrumávamos, quando notamos uma sombra por cima de nós. Uma menina parou para nos abrigar da chuva e acompanhou-nos até um abrigo. Ficamos os 3 durante sensivelmente 30 minutos a conversar. Esta dinâmica foi digna de ficar gravada neste diário de campo.

A certa altura introduzi a conversa sobre a temática que me encontrava a estudar, o objeto de estudo, os processos e os métodos de recolha de informação. Este senhor, autodenominou-se como “O Tintas” e concordou prontamente em participar no estudo, tendo assinado nesse mesmo dia a declaração de consentimento informado. No entanto, pelo entardecer do dia, combinamos efetuar a entrevista no dia seguinte de manhã às 8h30 num local escolhido por aquele que iria ser o meu primeiro entrevistado.

29 de junho de 2024 – 8h15 às 9h

Esperei no sítio combinado por 45 minutos (cheguei 15 minutos em avanço) e o “Tintas” não compareceu. Por motivos de força maior tive de ir embora, não podendo esperar mais por si.

30 de junho de 2024 – 18h30

Volto a encontrar o “Tintas” a pintar, próximo do local em que o encontrei pela primeira vez. Abordei-o, ao que ele me disse que se tinha esquecido do que havíamos agendado. Como ele se encontrava a pintar naquele momento, reagendamos um novo encontro para conversar e aplicar a entrevista 1 hora depois, no mesmo local escolhido por si.

Neste intervalo, encontro uma senhora acompanhada de um animal de companhia, aproximando-me dela. Introduzo-me e efetivamente apresento a temática do meu estudo, perguntando se ela estaria interessada em participar. Recebi uma pronta confirmação de participação, acordando em assinar a declaração de consentimento informado no momento. Agendamos a nossa conversa para o dia 3 de julho, onde teríamos a nossa entrevista.

À hora combinada encontrei-me, mais uma vez, no local combinado à espera da comparência do “Tintas”, que novamente não compareceu. Vi-me obrigada a abandonar a este sujeito de possível interesse porque nunca compareceu em nenhum dos momentos combinados para dinamização da entrevista.

2 de julho de 2024 – 14h18

Após a tentativa de abordagem de 3 sujeitos de possível interesse para a investigação, tendo recebido respostas negativas no que toca à participação no estudo, abordei uma senhora de meia-idade, perguntando-lhe se gostaria de participar. Recebendo uma resposta positiva e assinando logo a declaração de consentimento informado, começamos a nossa entrevista. A entrevistada denominou-se como “Miramaia”, sendo este o nome a adotar. Extremamente comunicativa, falamos durante horas sobre a temática.

Quase no final da entrevista, aproximou-se uma jovem curiosa com o tema. “Miramaia” insistiu para que ela participasse, ao que esta jovem ouviu a minha explicação e concordou em participar. Terminei a entrevista com a primeira, começando logo em seguir a entrevista com a segunda. Esta jovem autodenominou-se como “Zuri” contou-me a sua história de vida em relação com a temática da música.

Foi um dia de investigação que terminou bastante tarde, mas que foi extremamente produtivo e de grande valor para a minha investigação.

3 de julho de 2024 – 17h

Encontro a senhora como havíamos combinado dias antes e começamos prontamente a nossa entrevista. Esta escolheu que me referisse a si como “Té” e conversamos durante horas, onde esta me contou sobre a sua história de vida em relação com a temática da música.

No final, autorizou que lhe tirasse uma fotografia, mas pediu que tanto o seu rosto como o da sua cadela fossem ocultados, por motivos de violência doméstica, tendo medo que o seu agressor ou a família deste pudessem identificá-la.

Acompanhei “Té” até ao local que esta se iria encontrar com pessoas suas conhecidas na mesma situação de sem-abrigo, onde fui bem recebida e expliquei por alto, a todos quais os propósitos e objetivos da minha investigação.

13 de julho de 2024 – 17h15 horas

Encontro novamente “Té”, acompanhada das pessoas que havia conhecido dias antes. Dois destes decidem partilhar livremente na minha investigação, pedindo-me que conversasse, individualmente, com cada um destes.

Comecei por uma jovem adulta, de origem brasileira, que se autoidentificou com “Feli” onde entusiasticamente me contou sobre a sua vida e sobre a sua relação com a música desde muito cedo até aos dias de hoje.

Devido ao grande avanço nas horas já sendo cerca de 20h10, as restantes pessoas do grupo começam a dispersar-se para ir jantar aos locais habituais, proporcionado por instituições de solidariedade social. “Feli” informa que terá de ir jantar, juntamente com o outro jovem que se disponibilizou para participar na entrevista, no entanto convidaram-me para me juntar a eles durante o jantar numa cantina de apoio social.

Posteriormente investiguei o nome da associação e o mote sobre o qual eles atuam, sendo ela uma instituição de solidariedade social, nomeadamente a Associação Católica Internacional ao Serviço da Juventude Feminina - Porto (ACISJF – Porto). Uma das suas 3 grandes áreas de intervenção é o “refeitório social que oferece todos os dias refeições a pessoas sinalizadas na condição de sem-abrigo ou com sérias dificuldades”.

Posto isto, ainda fomos até uma carrinha de distribuição de bens alimentares (por alguém a quem se referiram como “senhor Padre”, onde puderam recolher pão simples, sandes diversas e até pastéis de nata.

Este foi o dia em que tive o contacto mais próximo com as pessoas que estudei (em que percebi algumas dinâmicas estabelecidas entre eles, algumas rotinas, etc).

14 de julho de 2024 – 18h35 horas

Encontro com “Té”, “Feli” e o jovem que se autodenominou como “O Cestas”. Aplicação da entrevista com este último (por falta de tempo no dia anterior), onde me contou sobre a sua trajetória de vida e as músicas que o acompanharam ao longo da vida, no meio de convivência onde se encontravam várias outras pessoas na mesma situação, com idades aparentemente compreendidas entre os 20 e os 40 anos. Conheci o seu melhor-amigo, referido na sua entrevista.

Acompanhei-os, mais uma vez, até ao local onde iriam jantar, despedindo-nos à porta deste.

Obtive hoje o número total de entrevistas por histórias de vida que pretendia. Mãos à obra, vamos ver os resultados da investigação.

Anexo IV: Grelha de análise das entrevistas

Categorias de análise	Síntese	Excertos das entrevistas
Idade	[23 – 56]	Miramaia – “56 anos”; Zuri – “23 anos”; Té – “56 anos”; Feli – “34 anos”; Cestas – “26 anos”.
Estado civil	Solteiros ou divorciados	Miramaia – “Sou divorciada”; Zuri – “Já tive namorado, um filho, mas sou solteira”; Té – “Sou divorciada, ele tinha o vício do jogo, das mulheres e do álcool”;

		Feli – “Sou divorciada. E assim, ficou com o meu ex-marido, o meu casamento acabou”; Cestas – “Sou solteiro, mas comprometido. E esta pergunta é ela que responde (chama “Feli”). Ela diz “Amarrado à Feli, embarçado, completamente “fodido” por uma preta Bahiana maluca””.
Grau de escolaridade	A maioria dos entrevistados tem a escolaridade básica (variando entre a antiga 4ª classe e o atual 12º ano). Apenas uma das entrevistadas possui um nível de escolaridade mais elevado, tendo concluído um mestrado e 2 pós-graduações.	Miramaia – “Tenho o antigo 8º ano que fiz de noite e depois não fiz mais, desisti”; Zuri – “Terminei o 12º ano há 5 anos, mas já dei uma “ganda” volta à minha vida, em 5 anos já tive muita porcaria”; Té – “Fiz a 4ª classe à noite, que agora é equivalente ao 5º ano atual”; Feli – “Fiz minha faculdade, um mestrado e 2 pós-graduações”; Cestas – “Tenho o 12º ano, quase que tirei um curso de serralharia, só não tirei porque depois saí do colégio e não consegui concluir o estágio, baldei-me um bocado”.
Experiência profissional	A maioria dos entrevistados tem experiência profissional na área de restauração, atendimento ao público ou como operadores de vendas na área do retalho. Apenas uma das entrevistadas tem experiência profissional na área de prestação de assistência num hospital. A mesma, posteriormente a esta posição profissional, passou a enquadrar-se nas áreas referidas acima.	Miramaia – “Fui pasteleira, cozinheira, padeira, jardinagem, carpintaria, fiz muita coisa. No papel diz que sou pasteleira”; Zuri – “Era trabalhadora na área da restauração e, quando “tive” em França, trabalhava em limpezas. Neste momento é desempregada”; Té – “Quando o meu pai era vivo, andava num camião a recolher lixo com ele. Depois que ele morreu, fui cantoneira nas Águas de Gaia. Depois, fui para a área da cozinha, fui cozinheira. A seguir, fui para os cafés onde trabalhei 4 meses no meu antigo patrão”; Feli – “No Brasil, trabalhava num hospital muito grande como gestora hospitalar, aqui em Portugal trabalhava como operadora na Cerealis, aquela fábrica de massa na Milaneza”; Cestas – “Sou trolha. Também já trabalhei em restauração e numa fábrica de calçado. Comecei “prai” com 20 ou 21 na fábrica de sapatos e depois fui para restauração e depois fui para trolha aqui no Porto e é para onde vou voltar”.
Influência dos atores sociais mais próximos ao longo da vida e a relação com a música	Todos, sem exceção, mencionam atores sociais e memórias de períodos passados das suas vidas, muitas vezes associando as memórias destes com a música. Sentem que esta tem o poder de os fazer relembrar e reviver momentos.	Miramaia – “A minha mãe sempre gostou de ouvir rádio, ouvia de tudo, fados, quizomba, tudo tudo. Eu ouvia o que eles ouviam, coisas antigas e tudo. [...] Eu ouvia música com a minha filha, punha CD’s e punha o rádio também. Punha-me a brincar e dança com ela músicas de baile”; Zuri – “Desde pequena tive só melhores amigas e melhores amigos negros e na instituição as músicas que costumava ouvir e ainda ouço era quizombas e tudo mais. É muito por causa deles que gosto destas músicas”; Té – “O meu pai acordava e punha logo no rádio música de fado da Amália e eu era assim “carago, você parece um cota, não sabe o que há de fazer! Ponha música de jeito, alegre, fogo! Você só mete Amália ou é isto ou aquilo, é pó “caralho” que eu não gosto dessa música” e pimba, desliguei o rádio e pus música pesada. Ele ficava zangado comigo, queria-me bater. Já a minha mãe gostava das músicas que eu ouvia, ela era mais alegre”;

		Feli – “A minha mãe sempre tocou saxofone, minha mãe toca piano também. Então era assim, se a gente não decorava, apanhava. E, na igreja, desde pequena, eu cantava na igreja, que eu vim de onde eu te falei. A minha família é religiosa e meus avós eram pastores, então eu tive uma influência muito grande da religião”; Cestas – Em vez de atores sociais, Cestas associa a momentos diretamente. “Tenho muitas músicas que gosto e tenho sentimentos que ligo a elas. Às vezes já passei por coisas, não quer dizer que tenham sido o mesmo que na música, mas acabei por gostar delas e por sentir alguma coisa com elas”.
Caracterização da própria condição social e papel ocupado na sociedade	Caracterizam a sua situação social como desfavorecida perante a sociedade, mas não se sentem excluídos desta no que toca às dinâmicas sociais. Sentem, no entanto, que os mecanismos de suporte e preservação social como Segurança Social ou outros, efetivamente os excluem dos seus interesses.	Miramaia – “Não sinto que muito excluída porque as pessoas passam e falam comigo, até as carrinhas da comida. O problema é que os serviços não nos dão apoios nem soluções para a nossa situação”; Zuri – “A solidão a mim, segue-me sempre. [...] A minha condição social não é boa e estou em situação de sem-abrigo já há algum tempo. [...] Tenho estado muito excluída da sociedade, uma pessoa sem abrigo e com deficiência piora tudo. Já fui excluída de muita coisa, as pessoas não falam porque pensam que sou maluca”; Té – “Sinto-me excluída porque tenho uma assistente social que eu quando sai da pensão não me deitou a mão, tou aqui há meio ano. Até agora, já fui falar para ela me ligar para mim e nada. Eu sou como se fosse um lixo, nós que vivemos na rua, eu como muitas pessoas, somos como bichos para elas. [...] Vocês em vez de ajudarem as pessoas, estão a pô-las na rua”; Feli – “Olha, eu não vou dizer “pra” você que eu me sinto excluída da sociedade porque eu não me sinto, eu me sinto numa situação delicada por eu não ter um teto. [...] As pessoas quando passam por nós, olham muito de lado, “ei” muito mesmo. [...] Não quero “tar” aí como mendiga. A dignidade eu não posso perder”; Cestas – “Sinto-me incluído porque para maior parte das pessoas, apesar de eu morar na rua, passo despercebido. [...] Eu acho que “tou” incluído nela e as pessoas me tentam ajudar, vá, algumas. Se estivermos a falar de serviços tipo segurança social, esses bem que me mandam à “merda” e voltar para a minha terra que é Guimarães”.
Perceções sobre a importância da música no quotidiano	Todos, sem exceção, referem-se à música como tendo um papel fundamental para as suas vidas, usando-a como meio de escape para as adversidades diárias. Sentem sentimentos, tendencialmente positivos com o ato de ouvir música, independentemente do formato.	Miramaia – “Eu gosto de bailar, sempre gostei. Gosto de música bonita, animada de festa que me faça ter vontade de dançar porque sempre fez parte de mim”; Zuri – “Às vezes ando louca por aí para ver se encontro música por aí, porque como não tenho telemóvel, é mais difícil. Quando encontro, já serve para tirar a tristeza”; Té – “A música esteve sempre comigo, dá alegria, sempre foi a minha companhia, desde sempre. Ouço músicas mais de Rock como o Elvis e adoro.”; Feli – “A música “teve” sempre na minha vida. Sempre foi música a maioria das vezes, música evangélica porque eu cantava na igreja e toco violão, toco teclado. Hoje eu gosto de tudo, gosto de funk, gosto de sertanejo, aprendi a amar as músicas portuguesas”;

		Cestas – “A música para mim é quase como a ganza, se eu não ouvir música não fico mais relaxado, se eu não fumar ganza não fico mais relaxado. São duas medicações”.
Associação da música favorita com sentimentos e memórias	Apesar de alguns dos entrevistados não conseguirem identificar concretamente qual a sua música favorita (referem géneros que gostam de ouvir), todos indicam que ouvir o que mais gostam remete para sentimentos diversos. Alguns, efetivamente, associam a escolha da música favorita a memórias das suas vidas.	Miramaia – “Não sei uma música em específico, gosto de músicas de baile porque fazem-me lembrar momentos bons. Gosto daquelas daquelas músicas brasileiras, sinto-me bem em ouvi-las, fazem-me ter esperança, sinto que me podiam ajudar se os fosse ver”; Zuri – “A minha música favorita é a Weya da Chelsea Dinorath. Escolhi esta por causa da convivência que tenho. Nunca fui à busca dela, mas ela aparece. Penso na França porque é um mundo diferente do que em Portugal, as pessoas conviviam e falavam comigo. Gostava de um dia voltar para lá, ter estado lá é uma memória feliz”. Té – “A minha música preferida foi do Elvis para Ele, na parte em que eu perdi a minha filha. Essa música chocou-me, eu sei o que quer dizer. Ele disse que ligou à mulher dele porque sabia que ia morrer e disse “nunca mais me vais ver, mas eu lá no céu rezarei por ti. Essa música chocou-me muito porque eu lembrei-me de perder a minha filha com 4 meses. Às vezes, canto essa música em inglês e choro. Já lá vão 29 anos e o sentimento é sempre o mesmo, é um vazio que faz parte de mim”; Feli – “A minha [música] preferida, Pica do 7, (começa a cantar) “De manhã cedinho, eu salto do ninho e vou pra paragem”, porque me remete para o tempo que eu trabalhava e traz memórias, na verdade é uma memória afetiva boa. Quando eu ouço um funk do Poze do Rodo (canta novamente) “Ela fala que quer crime e eu sou criminoso. Ela é da zona Sul e eu sou cria do Rodo”, isso me remete “pro” bairro de onde eu vim. Do bairro, da favela, da Bahia. Eu fecho os olhos e lembro de tudo aquilo. Quando eu falo daquela “Adeus Maria que eu vou pró mar. Buscar sardinha, pra seres rainha”, eu lembro quando eu ia fazer higiene nos velhos do outro lado da ponte, ali em Leça, de Matosinhos “pra” Leça. Aquilo ali me remete “pra” isso. Eu tenho muitas lembranças afetivas com relação à música. A música mexe muito comigo” Cestas – “Não sei, talvez tenha duas favoritas. A Tribunal e já te disse o significado e, para além disso, tem aquela frase que eu quero na minha lápide. A outra depois talvez seja também aquela que te disse do MC Poze do Rodo que fala um bocado sobre o crime e “opah”, não é que eu goste do crime, mas enquadro-me um bocado nas coisas que ele diz na música. Tem a ver com a minha trajetória até agora, faz sentido para mim sendo que eu vivo na rua”.